

EDUCAÇÃO FINANCEIRA & FINANCEIRIZAÇÃO DO CAPITAL

Reginaldo Ramos de Britto – Marco Aurélio Kistemann Jr.
reginaldorbritto@gmail.com – Marco.kistemann@ufjf.edu.br

(GRIFE) Grupo de Investigações Financeiro-Econômicas em Educação
Matemática/UFJF/Brasil.
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Tema: VI.1 Cultura Matemática na Escola do século XXI.

Modalidad: CB

Nível educativo: No específico.

Palavras-chave: Educação Matemática, Educação Financeira, Financeirização do capital.

Resumo

Este artigo é o segundo de uma série que resulta de trabalho de pesquisa documental sobre a proposição de planos e Estratégias nacionais de Educação Financeira, no Brasil e em países como Portugal e Espanha. Trata-se de pesquisa de mestrado em Educação matemática, na modalidade profissional, desenvolvida junto ao programa de pós-graduação da UFJF/ Brasil que constituiu como produto educacional um documento, para orientações a professores e, sobretudo, educadores matemáticos. A principal indicação desta pesquisa foi de que há um Processo de Legitimação da Educação Financeira que a despeito do discurso, tem a intenção de promover, fundamentalmente, a constituição de indivíduos-consumidores de produtos financeiros. Há a possibilidade de que sua proposta de inserção nos currículos escolares seja um processo paralelo de empowering a Educação Financeira pela Matemática, justificado pela característica dessa última de ser uma linguagem de poder e possuir poder formatador. Além disso, e este é o foco deste artigo, vamos defender a posição de que é possível inscrever a Educação Financeira, tal como se apresenta, como prática social que se materializa como efeito do que se identificou como modo de acumulação “flexível”.

Introdução

A Educação Financeira tem se tornado, nos últimos anos, tema de interesse crescente. Capitaneadas pela OCDEⁱ, propostas de Estratégias nacionais sobre o tema, são desenvolvidas em vários países pelo mundo a fora. O discurso dominante é que na atualidade os indivíduos precisam dominar certas habilidades que lhes permitam tomar decisões financeiras acertadas, controlando suas finanças pessoais e alcançando assim seu bem estar. A complexidade que os produtos financeiros assumiram no presente e o crescente endividamento das famílias são também argumentos comumente utilizados, para a defesa da necessidade de educar financeiramente os indivíduos.

Entretanto a despeito dos discursos que compõem estas propostas, acreditamos que existam interesses, não declarados. Há um número significativo de instituições

financiero-bancárias envolvidas em propostas curriculares sobre o tema da Educação Financeira, e a própria estrutura das Estratégias nacionais de países como Brasil, Portugal e Espanha (cujos documentos foram analisados em nossa pesquisa documental), indicam dentre outros objetivos, a intenção de constituir melhores consumidores de productos financeiros.

Em nosso trabalho dissertativo, caracterizamos o que está no *entorno*ⁱⁱ e no centro da produção social da prática da Educação Financeira. A tese que apenas indicamos na pesquisa e que vamos desenvolver neste artigo, é que a Educação Financeira é fruto de um cenário específico de capitalismo contemporâneo (dado que é prática recente), contexto que para alguns autores inaugura uma nova fase no modo de produção capitalista. Ou seja, a Educação financeira foi descritaⁱⁱⁱ, em nossa pesquisa documental e será reproduzida aqui como *prática social que se materializa como resultado de uma orientação ideológica favorável o capital financeiro, uma estratégia de captação de mais valia relativa, devidamente adaptada aos novos contornos do capitalismo contemporâneo*.

A Educação Matemática Crítica é a perspectiva pela qual pretendemos envolver Educadores Matemáticos e Professores de Matemática, chamando-os atenção para fenômeno da Educação Financeira e para o proceso de *empowerment* (dar poder) que pode estar em desenvolvimento. E desse modo reafirmarmos que a relevância do olhar que ora desenvolvemos, perspectivado pela Educação Matemática, está em que a tarefa de Educar financeiramente os indivíduos, parece desenhar-se como que afeita às atividades próprias do Professor de Matemática.

A Educação Financeira envolve e materializa o que poderíamos chamar de “privatização dos conteúdos programáticos”, algo que se refere à preocupação, que nos parece pertinente, de Apple (apud LINS 2004, p 26), sobre que talvez a discussão (curricular) deva se deslocar da pergunta: “que conhecimento deve estar no currículo?” para: “o conhecimento de quem deve estar no currículo?”. Caberá então perguntarmos: a quem interessa educarmos financeiramente os indivíduos?

A Educação Matemática Crítica e outros pressupostos: referências teóricas de pesquisa.

O processo de introdução^{iv} da Educação Financeira no currículo escolar, ainda não sedimentado no Brasil, é tema que se harmoniza com nossas preocupações sobre a

democracia, dado que a Escola é o locus potencial e privilegiado, para o desenvolvimento de práticas, hábitos e competências democráticas.^v.

Skovsmose(2001) considera que , “na sociedade da informação a habilidade de coletar , sistematizar e usar a informação parece ser o veículo para o desenvolvimento social , e , simultâneamente, torna-se uma fonte de poder.”(Skovsmose,2001,p.78). Como a matemática está na base do desenvolvimento tecnológico que , por sua vez dá sustentação à Sociedade de informação, a alfabetização matemática forneceria importantes instrumentos aos indivíduos no desenvolvimento de competências democráticas, uma forma de dar poder (empowerment) aos indivíduos.

Por outro lado a Matemática está, concordamos com Skovsmose(2001), “formatando a sociedade”, dado que “pode ser vista como parte de um processo de desenvolvimento de sistemas” (p. 98). O que significa dizer, que a linguagem matemática carrega, também e paradoxalmente, o status de intérprete da verdade além de ajudar a descrever de modo algorítmico, formas de condutas e comportamentos.

Ao mesmo tempo estamos nos transformando numa *sociedade de consumidores*, Bauman (2008), o que revela outra aporia (um paradoxo) pois se por um lado a alfabetização matemática pode potencializar nossa capacidade de interferir produtivamente na sociedade, o conhecimento matemático, em direção oposta, está também sendo usado via sistemas informáticos como forma de selecionar consumidores.

Podemos relacionar esta perspectiva sobre a Matemática com a contribuição de Bauman sobre o uso cada vez mais significativo de sistemas de informação na seleção de melhores consumidores. Este autor reflete sobre esta questão a partir da reportagem do Jornal The Guardian que enunciava: “Sistemas informáticos estão sendo usados para rejeitá-lo de maneira mais eficaz, dependendo de seu valor para a companhia para a qual você está ligando” Bauman (2008, p.10). Com título bastante sugestivo: “Press 1 if you're poor, 2 if you're loaded.”, esta reportagem^{vi} sugeria, na descrição do modus operandi dos sistemas informáticos das empresas, que o consumidor apertasse 1 se fosse pobre ou 2 se tivesse recursos (financeiros). A alusão feita por Bauman sobre esta reportagem tem a intenção de descrever como a tecnologia está sendo usada para eliminar aqueles:

“Consumidores falhos” – essas ervas daninhas do jardim do consumo, pessoas sem dinheiro, cartões de crédito e /ou entusiasmo para

compras, e imunes aos afagos do marketing. Assim, como resultado da seleção negativa, só jogadores ávidos e ricos teriam a permissão de permanecer no jogo do consumo. (Baumam,2008, p.11)

7

Na frase, extraída da referida reportagem: “Computer systems are being used to snub you more effectively, depending on your value to the company you're calling.”, podemos, de modo análogo ao que fez Skovsmose (2001) substituir, mantendo o valor original, a expressão “*Computer systems*” por “Matemática”. O resultado, traduzido seria: *A matemática está sendo usada para desprezar você, dependendo do seu valor para a companhia para a qual está ligando.*

Ainda sobre a contribuição da Educação Matemática Crítica, perspectivada por seu principal interlocutor, é dele também que tomamos emprestado a ideia de *empowerment*, que pode ser descrita como “dar poder” e compreendida como característica da Matemática na visão de Skovsmose (2001)^{vii}. Na pesquisa, pinçamos indicações e prescrições que atribuíam a tarefa de educar financeiramente os indivíduos, aos professores de Matemática. Percebe-se que a perspectiva de apresentá-la como responsabilidade do professor de matemática, não foi prática isolada. Foi possível identificar esta tendência por intermédio de Saito (2011) que a descreve, se referindo ao trabalho de FESLIER, como iniciativa: na Inglaterra, onde:

A Educação em Finanças Pessoais não possui status de disciplina regular, mas tem os seus conceitos transmitidos em cursos de Matemática”; na Nova Zelândia “a Educação em finanças pessoais não é obrigatória nos currículos escolares, mas, em algumas unidades de ensino, é inserida como tema de disciplinas como Matemática, Estudos Sociais, Saúde e Bem-estar.” Feslier (apud SAITO,2011).

O empowerment “de Skovsmose” pode também ser “lido” como uma *estratégia* no sentido posto por Certeau^{viii}, outra referência teórica m nossa pesquisa e que compõe o que descrevemos, em nosso trabalho dissertativo, como ***Processo de Legitimação da Educação Financeira (PLEF)***. Retomemos que este processo representa *um conjunto de asserções, estratégias, não des-intencionadas, que pretendem elevar a Educação Financeira, tal como se apresenta, ao status de bem/ valor a ser consumido pelos indivíduos na modernidade líquida.*

A comodificação é um conceito utilizado também por Faiclough(2001) que a descreve como:

Processo pelo qual os domínios e as instituições sociais, cujo propósito não seja produzir mercadorias no sentido económico restrito de artigos para a venda, vêm não obstante a ser organizados e definidos em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias.” (FAIRCLOUGH, 2001, p.255)

Afirma ainda que:

Setores da economia fora da produção de bens de consumo estão, de modo crescente, sendo arrastados para o modelo dos bens de consumo e para a matriz do consumismo, **e estão sob pressão, para ‘empacotar’ suas atividades como bens de consumo e ‘vendê-las’ aos ‘consumidores’**. Isto cria uma dificuldade particular para os bancos: para competir com os bens de consumo, **seus serviços precisam se curvar ao poder dos consumidores e se tornar atrativos, simples e sem quaisquer restrições**; mas a natureza particular dos ‘bens’ em oferta torna imperativo que o acesso dos consumidores a eles seja controlado por regras e salvaguardas. (FAIRCLOUGH, 2001, p.150-151).(Grifo nosso).

É nesta esteira de movimentos que as instituições bancárias estão a desenvolver propostas de educar financeiramente os indivíduos.

A Educação Financeira como prática flexível.

Começamos por dizer, no entanto que esta perspectiva, de financeirização do capital como uma fase específica e nova do capitalismo não é pacificada. Para alguns autores este fenômeno se estende a outros períodos, em ciclos. Para Prado (apud Lapyda, 2011), o capital em sua forma fictícia não pode se valorizar a não ser temporariamente tendo que “penetrar”, em algum momento na esfera da produção.

Segundo Lapyda (2011) uma “série de transformações” ocorreram a partir de 1970 decretando o “*declínio do regime de acumulação fordista*”, e o surgimento de uma nova fase de capitalismo. Sua principal característica seria o movimento de financeirização, pois diz respeito a mudanças ocorridas na área financeira e seus traços mais marcantes são:

Aumento exponencial das transações tanto em termos absolutos, como em relação às atividades produtivas; a liberação e desregulamentação de mercados e das atividades financeiras em todo mundo; o surgimento de novos agentes e instituições ligadas às finanças.” (LAPYDA, 2011, p.7).

Este mesmo autor irá indicar, a partir de um estudo de Leda Paulani^{ix} que indica que:

Para um estoque de ativos financeiros em torno de US\$ 12 trilhões de dólares e um PNB mundial de US\$ 11,8 trilhões de dólares, (relação de 1,02) em 1980, chega-se em 2006 a um estoque de ativos financeiros de US\$ de 167 trilhões e um PNB US\$ 48,8 trilhões (relação de 3,42). Ou seja em 26 anos, o PIB mundial cresceu 314% (4,1 vezes o que era) enquanto a riqueza financeira mundial cresceu 1292% (13,9 vezes o que era). (Idem, p. 12-13)

Recorremos mais uma vez a Lapyda para consideramos que a “face mais visível da financeirização” seria “a forte expansão das atividades, produtos e mercados financeiros, abrindo possibilidade cada vez mais diversificada para as aplicações financeiras.” (LAPYDA, 2011, p.127).

Ou seja, a necessidade de que os indivíduos devam se educar financeiramente não se justifica apenas pelos contextos descritos nas Estratégias de Educação Financeira, em que pesem a complexidade e diversidade dos produtos financeiros hoje.

Como se pode justificar a oferta de produtos financeiros também pelo deslocamento do capital da produção para os mercados financeiros, a Educação Financeira, podemos dizer, pode ser descrita como prática que decorre de uma mudança no modo de acumulação capitalista. Por fim sobre esta “mudança” e o olhar empreendido sobre o processo de acumulação capitalista, Lapyda (2011) afirma que:

Diferentemente de Chesnais [...] o regime nascente, não é definido em termos de “dominância financeira”, mas de “acumulação flexível”. Apesar da ênfase no regime de acumulação, Harvey elaborou, nessa obra, uma periodização do capitalismo que, na realidade, não enfatiza tanto o padrão de acumulação de capital, mas as transformações nos processos de produção de mercadorias.

Admitimos assim que os produtos financeiros assumem o perfil não só dessas transformações, quanto aos processos de produção, mas também quanto à própria natureza das mercadorias no capitalismo contemporâneo, financeirizado.

Outro olhar, sobre essa transformação (do capitalismo) pode ser percebido a partir de duas características desse processo pelo qual passa o capitalismo, captadas por Lukács (apud COUTINHO,2010):

Em primeiro lugar”, diz Lukács, observa-se, “nos oitenta anos seguintes [à morte de Marx], todo o terreno do consumo foi dominado pelo processo capitalista”, ao passo que, no período anterior esse processo dominava apenas a produção; Lukács declara ainda estar convencido de que “todo o sistema da manipulação surgiu da necessidade (econômica) e estendeu-se posteriormente também à sociedade e a política. Em segundo lugar, **nessa nova fase do capitalismo, “a exploração da classe operária volta-se cada vez**

mais intensamente da exploração mediante a mais-valia absoluta para uma exploração operada através da mais-valia relativa; isso significa que é possível, simultaneamente, um aumento da exploração e um aumento do nível de vida do trabalhador. (COUTINHO, 2010, p.68) (grifo nosso).

No Brasil, dados da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF/Brasil) indicam que apenas 43% da população adulta tem acesso a serviços bancários. A visão do próprio documento da ENEF sobre o significado do acesso a uma instituição bancária indica que o discurso de inclusão bancária, para além do anunciado, tem como objetivo, também, a maior captação de recursos. Segundo o documento do Plano diretor da ENEF:

O início de relacionamento com uma instituição financeira por meio de abertura de conta de depósitos evolui, normalmente, para a prestação de outros serviços, tais como pagamentos por débitos automáticos, contratação de cheque especial, microcrédito e outros empréstimos, financiamentos e seguros, bem como aplicações financeiras. (p.40)

Ou seja, uma vez “incluído” o indivíduo estará apresentado a um leque, diversificado, de produtos financeiros.

Considerações finais

Um indivíduo com mais informações e conhecimento sobre os produtos financeiros pode diversificar sua carteira de aplicações financeiras e desse modo, alargar a margem de lucro da instituição bancária a qual está vinculado. Por esta razão que em muitos documentos e apresentações sobre o tema da Educação financeira que encontramos, há menções à necessidade de inclusão bancária (bancarização). Desse modo concebemos tais estratégias (propostas de educação financeiras dos bancos) como estratégias vinculadas ao poder e interesse do capital financeiro e assim a Educação Financeira como prática flexível que decorre do modelo contemporâneo de capitalismo.

Referências

Bauman, Zigmunt.(2008) - *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias/ Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros.* - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Brasil. *Estratégia Nacional de Educação Financeira – Plano Diretor da Enef.* 2011a. Disponível em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/legislação/Default.aspx>. Recuperado em: 30-07-2013.

- Britto, R. R.(2012).*Educação Financeira: Uma Pesquisa Documental Crítica*. Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Matemática. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2012. Recuperado em: 2013-07-30 de <http://www.ufjf.br/mestradoedumat/files/2011/05/DISSERTAÇÃO-REGINALDO-RAMOS-BRITTO.pdf>
- Coutinho, Carlos Nelson.(2010). *O estruturalismo e a miséria da razão*. Posfácio de José Paulo Neto. – 2.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 288p.
- Fairclough, Norman.(2001). *Discurso e Mudança Social*; Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio- Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008(reimpressão).
- Josgrilberg, Fábio B.(2005).*Cotidiano e Invenção: os espaços de Michel de Certeau*. São Paulo: Escrituras Editora.
- Kistemann Junior , Marco Aurélio.(2011). *Sobre a produção de significados e a tomada de decisão de indivíduos-consumidores*/|Marco Aurélio Kistemann Júnior.- Rio claro:[s.n].
- Lapyda, Ilan.(2011). Dissertação de Mestrado. A “financeirização” do capitalismo contemporâneo: Uma discussão sobre as teorias de François Chesnais e David Harvey. Universidade de São Paulo-USP, São Paulo.
- Saito, A. T. (2007). *Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 2013-07-30, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-28012008-141149/>
- Skovsmose, Ole. (2001). *Educação Matemática Crítica: a questão da democracia* /Ole Skovsmose. - Campinas SP: Papirus. (Coleção Perspectivas em educação Matemática).
-